

Relato

Tenepes na África: Lições deixadas pelos Africanos

Teneper en África: Lecciones dejadas por los Africanos

Penta in Africa: Lessons left by Africans

Fabio de Oliveira Marques da Cunha* e **Simone Zolet****

* Médico. Pós-graduado em Homeopatia e Especialista em Clínica Médica. Pesquisador independente membro do Colégio Invisível da Liderologia.

fabiomarquesmail@gmail.com

** *Leader Coach* e Empreendedora. Pós-graduada em Gestão Estratégica de Pessoas, Dinâmica de Grupos e *Coaching*. Pesquisadora independente membro do Colégio Invisível da Liderologia.

simonezolet@gmail.com

Relato recebido em: 09.06.2016.

Aprovado para publicação em: 26.09.2016.

INTRODUÇÃO

Neste relato os autores comentam sobre as experiências pessoais marcantes, algumas sincronicidades e suas repercussões sobre a tenepes no período de 21 dias em *Johannesburgo* e arredores, vivenciadas durante viagem à África do Sul, ocorrida no início de 2015. Concluem que, para transitar em diversos contextos e atuar de modo assertivo na realidade da África, há de se ter um mínimo de autoliderança evolutiva e empatia interassistencial.

SINCRONICIDADES DECISÓRIAS

Se você acha que planeja tudo em sua vida sozinho, pode passar por uma situação, no mínimo, curiosa e impactante, ao descobrir que determinadas decisões podem estar sendo influenciadas por uma rede de consciências envolvidas ou relacionadas a um contexto maior. Foi o que ocorreu conosco.

O plano era fazermos uma itinerância à Europa junto com familiares no final do ano de 2014. Aproveitaríamos para pesquisar algumas coisas e dar um curso de Conscienciologia. Havia, entretanto, uma vontade latente de irmos para a África do Sul, porém deixaríamos para o ano seguinte. Tudo parecia estar definido, só que não estava.

Após uma conversa com amigos sobre a experiência vivenciada por eles na África, um de nós passou por uma projeção consciente na qual um jovem rapaz negro falava de empreendedorismo e ressaltava que *nos aguardavam em Joburg*. Retornando do estado hipnopômico, ainda o ouvia falando, *aguardamos vocês na África, em Joburg*. A força do campo energético e a felicidade íntima sentida ao relatar a experiência para o outro, nos fez decidir mudar o roteiro de nossa viagem. Não havíamos nos dado conta, entretanto, de que *Joburg* referia-se a *Johannesburgo*, expressão muito utilizada na África do Sul para referir-se a essa cidade.

Ao retomar a conversa com nossos amigos que estiveram na África do Sul, rimos muito. *Joburg* era *Johannesburg*, local inicial escolhido para as biblioitinerâncias conscienciológicas, ou seja, a distribuição inter-

nacional gratuita de livros da Conscienciologia em bibliotecas e universidades de todo o mundo, sobretudo dos livros do pesquisador Waldo Vieira.

Em menos de uma semana organizamos toda a viagem. Para nossa surpresa, descobrimos que mais cinco casais de amigos estavam indo para o mesmo local, no mesmo período. Estaríamos em dez voluntários da Conscienciologia, sendo oito tenepessistas, em *Joburg*.

O QUE ENCONTRAMOS

Antes da viagem um de nós tinha a expectativa de encontrar uma cidade com estruturas muito precárias enquanto o outro tinha a expectativa de encontrar pessoas acolhedoras, alegres e de riso solto. Em *Joburg*, encontramos pessoas muito empáticas, solícitas, de grande vigor físico e energético. Já pesquisávamos a temática da Autoliderança Evolutiva e a força da Singularidade Consciencial.

Na África do Sul, notamos a força da assunção da singularidade nas pessoas e em suas mais diversas culturas. Nas lojas de rua e nos *shoppings*, não havia moda ou *modismos*. Cada um fazia a sua moda. Não havia um padrão. As pessoas se manifestavam de modo inteiro e a força do indivíduo na automanifestação era explícita. Todas as etnias e tribos estavam lá representadas nas ruas. Cada uma com sua diversidade e expressão única.

Outro aspecto importante referia-se à interação entre as pessoas. Cumprimentar não era mera formalidade, era um *eu te vejo* e *eu também te vejo*. Ao questionar *How are you?*, olhando diretamente em seus olhos, esperavam uma resposta sincera e autêntica.

Enquanto você não respondia como se sentia, a conversa não prosseguia: ficavam aguardando a sua resposta. A canalização de energias geradas por essa atenção plena na interação interpessoal potencializava a conectividade entre as pessoas e até mesmo a pronúncia diferente do Inglês Africano tornava-se mais compreensível aos ouvidos, quebrando uma série de barreiras.

Na parte mais moderna de *Johannesburgo*, em suas ruas largas, organizadas, sinalizadas, limpas e cheias de natureza ao redor, víamos pessoas caminhando de modo altivo, desde as mais pobres, às mais ricas. Não se via cabeças baixas ou curvadas. Nas filas para espera dos ônibus ou vans, muito usadas para transporte na cidade, o respeito entre as pessoas era evidente.

Filas organizadas, contudo sem deixar as conversas animadas de lado. Até mesmo na parte mais antiga da cidade, onde havia grande movimento de comerciantes e pedestres, apesar de edificações mais antigas, conservava-se um padrão de limpeza e respeito às sinalizações, inclusive às placas de proibição de ambulantes em alguns trechos. Um casal de amigos chegou a receber caronas nas ruas, oferecidas naturalmente por desconhecidos, em carros dos mais simples aos mais luxuosos, enquanto carregava mala de livros pelas ruas da cidade. Recebemos auxílio de moradores locais sempre que precisávamos.

Em *Soweto*, região muito pobre e bastante populosa na periferia de *Johannesburgo*, nos surpreendemos ao nos deparar com a organização e limpeza. Várias casas, apesar de muito simples, possuíam placas solares nos telhados doadas pelo governo. O chão de algumas era de terra batida, porém muito limpa e varrida. Os lixos eram acondicionados em sacos plásticos cuidadosamente dispostos no canto das ruas para recolhimento. Nos pontos turísticos, pessoas vendiam artesanatos, faziam apresentações artísticas ou contavam histórias.

De modo muito respeitoso, davam as boas vindas aos transeuntes. Não abordavam ostensivamente os turistas nem mesmo para pedir esmola, diferentemente do que ocorre em locais turísticos no Brasil. Nos muros, artes gráficas feitas pelos próprios moradores, sempre com desenhos coloridos, bem-feitos e frases motivado-

ras. A mais marcante para nós: *So We To*, exibidas em camisetas feitas pela comunidade local, fazendo uma analogia do nome do bairro, *Soweto*, com a ideia de que somos todos um da filosofia *Ubuntu*.

A energia da natureza também era ostensiva. Tal característica intensa das bioenergias com sua natureza abundante, aliada à assunção da identidade pessoal e cultural (eu *sou*) e, até mesmo uma empatia evidente, apesar de um pouco afetada por conflitos da história recente do *Apartheid*, faziam de *Joburg* um lugar surpreendente e único.

O regime de segregação racial terminou em 1994, contudo, percebia-se na cidade, como um todo, um clima de pós-conflito recente, eventualmente presente em famílias que passam por desavenças e se *reconciliam*. O *Apartheid* é um fato ainda muito recente. Nem tudo se encontra, totalmente, perdoado ou resolvido.

Fomos até lá com a expectativa de fazer assistência para um local com muita necessidade. Deparamo-nos, no entanto, com uma realidade muito diferente. A África reúne qualidades singulares que podem contribuir, em muito, para o restante do planeta. O que ocorreu, de fato, foi uma interassistência: fomos afetados positivamente pela África e, ao mesmo tempo, deixamos uma marca positiva.

Por último, vale a pena ressaltar um sinergismo importante: a cultura de organização dos ingleses e a criatividade africana num mesmo ambiente traz a *Joburg* equilíbrio dinamizador entre seriedade e bom humor.

A África do Sul nos reserva importantes lições. Obviamente, *Johannesburgo* não reflete toda a realidade africana, formada em sua totalidade por mais de 50 países, porém é possível encontrar naquele local o início de um futuro promissor de desenvolvimento e reurbanização para todo o continente.

PARAPERCEPÇÕES

Na experiência na África do Sul, o contexto extrafísico parecia se fazer mais presente que o usual, em nosso país de origem. Talvez isso tenha ocorrido em função das bioenergias mais ostensivas da natureza ou de nossa conexão com o local.

Era preciso atenção redobrada a tudo o que se pensava, incluindo atenção a cunhas mentais relacionadas às questões raciais e religiões africanas. Ao ir em uma loja e se deparar com artefatos africanos relacionados ao *vodu*, houve uma pressão extrafísica imediata quando um de nós questionou mentalmente a necessidade de ainda se fazer uso dessa prática. A pressão só melhorou quando, num diálogo mental, foi esclarecido não se estar contra eles, nem contra suas crenças. Foi ressaltado o respeito pela liberdade de escolherem o caminho que achassem melhor e a importância da lei de causa e efeito. A pressão se esvaiu e houve um alívio imediato.

O pensamento parecia ter maior força e a consequência da autopenalização era imediata. Naquele contexto, ficava ainda mais evidente a ideia de que *pensar é agir*. Em função disso, tornava-se premente a necessidade de maior autocentramento. Tal qual um ambiente extrafísico, o cenário poderia mudar de repente, daí a necessidade da atenção focada e ininterrupta. Valeu o lema do escoteiro: esteja *sempre alerta*. A interação com uma única pessoa poderia desencadear uma série de circunstâncias, fenômenos e assistências extrafísicas, percebidos como sincronicidades.

A tenepes não era restrita a 50 minutos diários. Era tenepes o tempo inteiro, 24 horas por dia. Na hora programada da tenepes, percebíamos a presença de uma equipe específica a fim de preparar para o dia seguinte, tal qual um *mentoring*, processo no qual uma pessoa mais experiente em determinado assunto orienta

outra que está na posição de *trainee*. Além dos fatos acima relatados, ocorreram situações de assistência extrafísica conjunta entre integrantes do grupo, sobretudo quando havia maior afinidade entre essas pessoas.

Percebíamos também diversas sincronicidades ao longo do dia: notícias correntes sobre empreendedorismo social nos jornais, em revistas e na televisão local, – um de nossos temas de pesquisa – além de situações inusitadas no passeio pela cidade. Ao entrar e sair de um grande *shopping* da cidade, por exemplo, onde passamos algumas horas, pegamos o elevador com a mesma família tanto na chegada como na saída. Em outro dia encontramos uma mesma família em dois locais totalmente distintos e nos cumprimentamos mutuamente, rindo da situação.

Outra ocorrência chamou a atenção. Enquanto estávamos em uma loja de departamentos, um de nós deparou-se com um campo muito intenso em determinado local da loja. Uma vez questionado de onde vinha aquele campo, veio a intuição de ir para o outro lado da mesma estante.

Ao contornar a estante, foi possível avistar um funcionário de costas. Na medida em que dele se aproximava, o campo se intensificava. O campo tinha uns três metros de raio. Ao jogar energia em sua direção, virou-se para trás, olhou bem nos olhos e sorriu. Havia marcante presença energética e ocorreu um banho de energias. O curioso foi, horas depois, ter se deparado com o mesmo campo energético em outro ponto do *shopping* seguido do reencontro com esta mesma pessoa.

Em uma feira local, um determinado estande, onde havia uma jovem mulher atendendo, chamou a atenção de um de nós. Ao conversar com essa jovem, houve expansão do frontochakra. Ela parecia exteriorizar energia através do mesmo chakra enquanto conversava. A exteriorização foi retribuída e, em seguida, perguntou: *Você entende de energia?* Ao responder que estudava sobre isso e outros fenômenos, desencadeou-se uma conversa espontânea sobre as experiências dessa vendedora e de seu filho de oito anos com projeção consciente.

Diante do exposto, observamos que o período inteiro da viagem foi, para nós, uma grande tenepes.

CONSIDERAÇÕES

A experiência de 21 dias na África nos trouxe algumas reflexões e lições importantes. O relevante trabalho da Conscienciologia, realizado até aqui a partir da Cognópolis em Foz do Iguaçu, ainda é pequeno quando olhamos a partir da África e de outros continentes. Ainda há muito por fazer e, de certo modo, há uma certa urgência nesse trabalho, obviamente sem atropelos.

A maxiproéxis da Conscienciologia envolve diretamente a reurbanização planetária. Para que sejamos minipeças de fato nesse maximecanismo interassistencial precisamos pensar grande, ampliar a visão de conjunto, assumir o *paradever* intermissivo e contribuirmos com o que temos de melhor.

Nesse contexto, vale ressaltar a importância da assunção da *singularidade* consciencial. O desenvolvimento das especialidades da Conscienciologia, por exemplo, possui relação direta em assumir essa singularidade. A experiência na África nos mostra o poder dinamizador da diversidade na prática, onde os resultados da junção entre a organização de europeus e a espontaneidade e criatividade africana geraram ambientes mais proativos e empreendedores voltados às mudanças positivas na África. Há um ponto central que os unem: todos querem melhorar a África. Isso está presente na vida das pessoas e, inclusive, nos *outdoors* espalhados pela cidade.

É interessante notar a simbologia de Nelson Mandela (1918–2013), nesse contexto. Ele simboliza o futuro de uma África unida, universalista e livre. Alguns cartazes espalhados pela cidade pediam aos morado-

res para que cuidassem da África e utilizavam o líder africano como símbolo. Para alguns africanos com os quais conversamos, Mandela personificava o ideal de autossuperação e união entre diferentes povos.

Os conflitos historicamente presentes na África não se resumem ao mero embate entre europeus e africanos ou entre brancos e negros, mas também entre diferentes tribos e crenças. O caminho da interassistência é sempre de mão dupla. Antes de chegarmos na África do Sul tínhamos a expectativa de irmos até lá para *ajudá-los*. Contudo, nos deparamos com outra realidade: temos também muito o que aprender com a África.

No contexto africano, não há espaço para teorizações. Há demanda por práticas que gerem resultados no cotidiano das pessoas. O resultado fala mais alto. Se estivermos abertos para isso, poderemos, sim, ajudar. Tal ajuda parte de maior nível de empatia, flexibilidade pensênica e atuação ombro a ombro.

Para atuar positivamente na África vale reforçar um pré-requisito: há de se ter um mínimo de autoliderança evolutiva e empatia assistencial.

Gente simples, fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, consegue mudanças extraordinárias (provérbio africano).

FILMOGRAFIA SUGERIDA

1. **Invictus**. **Título Original:** *Invictus*. **País:** EUA. **Data:** 2009. **Duração:** 133 min. **Gênero:** Biografia; Drama & História. **Idioma:** Espanhol; Inglês; & Português. **Cor:** Colorido. **Legendado:** Espanhol; Inglês; & Português. **Direção:** Clint Eastwood. **Elenco:** Morgan Freeman; Matt Damon; Tony Kgoroge. **Produção:** Lori McCreary; Robert Lorenz & Mace Neufeld. **Roteiro:** Anthony Peckham. **Fotografia:** Tom Stern. **Música:** Kyle Eastwood & Michael Stevens. **Edição:** Joel Cox. **Estúdio:** Dream Works SKG. **Distribuidora:** Warner Bros. Entertainment. **Sinopse:** Recentemente eleito presidente, Nelson Mandela (Morgan Freeman) tinha consciência de que a África do Sul continuava sendo um país racista e economicamente dividido, em decorrência do *apartheid*. A proximidade da Copa do Mundo de Rúgbi, pela primeira vez realizada no país, fez com que Mandela resolvesse usar o esporte para unir a população. Para tanto chama para uma reunião Francois Pienaar (Matt Damon), capitão da equipe sul-africana, e o incentiva para que a seleção nacional seja campeã.

2. **Uma Boa Mentira**. **Título Original:** *The Good Lie*. **País:** EUA. **Data:** 2014. **Duração:** 110 min. **Gênero:** Drama. **Idioma:** Espanhol; Inglês; & Português. **Cor:** Colorido. **Legendado:** Espanhol; Inglês; & Português. **Direção:** Philippe Falardeau. **Elenco:** Reese Witherspoon; Arnold Oceng & Ger Duany. **Produção:** Ron Howard; Brian Grazer; Karen Kehela Sherwood; Molly Mickler Smith, Thad Luckinbill & Trent Luckinbill. **Roteiro:** Margaret Nagle. **Fotografia:** Ronald Plante. **Música:** Martin Leon. **Edição:** Richard Comeau. **Estúdio:** Alcon Entertainment. **Distribuidora:** Warner Bros. Entertainment & Summit Entertainment. **Sinopse:** Três homens sudaneses, Mamere (Arnold Oceng), Jeremiah (Ger Duany) e Paul (musician Emmanuel Jal), têm a oportunidade de sair do país e conseguir uma vida melhor nos Estados Unidos. Eles são acolhidos por uma assistente social, Carrie Davis (Reese Witherspoon), que pouco conhece sobre o duro passado de cada um. Ela é uma mulher solteira, bem resolvida e muito prática, o que parece estranhíssimo para eles. Aos poucos, tornam-se amigos e descobrem uma nova visão de mundo.

3. **Que Mundo é esse?: Conheça o Maior Lixão de Eletrônicos do Mundo, em Gana**. **País:** Brasil. **Data:** 2016. **Duração:** 25 min. **Gênero:** Documentário. **Idioma:** Português. **Cor:** Colorido. **Direção:** Andre Fran & Michel Coeli. **Diretor Executivo:** Rodrigo Cebrian. **Produção:** Felipe Ufo. **Textos:** Andre Fran. **Fotografia e Câmera:** Michel Coeli & Rodrigo Cebrian. **Montagem:** Felipe Cesar Marins & Michel Coeli.

Trilha Original & Sound Design: Fernando Aranha. **Arte e pós-produção:** Beguido. **Legendas:** Mariana Serra. **Coprodução:** Base#1 Filmes. **Sinopse:** Você já parou para pensar aonde vai parar todo lixo de eletrônicos que jogamos fora? A cada vez que trocamos os celulares por um modelo mais novo ou o computador por outro recém-lançado, o que acontece com o antigo, que será descartado?

3. **Que Mundo é esse?: Quênia é um dos Principais Exportadores de Rosas para o Mercado Europeu.** **País:** Brasil. **Data:** 2016. **Duração:** 25 min. **Gênero:** Documentário. **Idioma:** Português. **Cor:** Colorido. **Direção:** Andre Fran & Michel Coeli. **Diretor Executivo:** Rodrigo Cebrian. **Produção:** Felipe Ufo. **Textos:** Andre Fran. **Fotografia e Câmera:** Michel Coeli & Rodrigo Cebrian. **Montagem:** Felipe Cesar Marins & Michel Coeli. **Trilha Original & Sound Design:** Fernando Aranha. **Arte e pós-produção:** Beguido. **Legendas:** Mariana Serra. **Coprodução:** Base#1 Filmes. **Sinopse:** Enquanto países desenvolvidos enviam lixo para a África, a África envia flores para a Europa. O Quênia é um dos principais exportadores de rosas para o mercado europeu. Fomos conhecer uma dessas fazendas de exportação quenianas que são parte importante da economia do país e um exemplo interessante de sucesso, modernidade e profissionalismo do continente africano.

4. **Que Mundo é esse?: Grande Muralha Verde tenta conter o Avanço do Deserto do Saara.** **País:** Brasil. **Data:** 2016. **Duração:** 25 min. **Gênero:** Documentário. **Idioma:** Português. **Cor:** Colorido. **Direção:** Andre Fran & Michel Coeli. **Diretor Executivo:** Rodrigo Cebrian. **Produção:** Felipe Ufo. **Textos:** Andre Fran. **Fotografia e Câmera:** Michel Coeli & Rodrigo Cebrian. **Montagem:** Felipe Cesar Marins & Michel Coeli. **Trilha Original & Sound Design:** Fernando Aranha. **Arte e pós-produção:** Beguido. **Legendas:** Mariana Serra. **Coprodução:** Base#1 Filmes. **Sinopse:** No Senegal, o Que Mundo É Esse segue em uma longa viagem aos limites do deserto do Sahara para conhecer a Grande Muralha Verde, uma iniciativa de 11 países africanos para tentar conter o avanço do deserto. A muralha não é um paredão de vegetação, mas uma imensa área com ensino de agricultura sustentável para mulheres e estudantes.

